

FEIRA CULTURAL DE ECONOMIA CRIATIVA: possibilidades e perspectivas da Educação Patrimonial

Rosalia de Aguiar Araújo

Saulo Augusto de Moraes

Adeliane Tomáz da Silva

RESUMO

A Feira Cultural de Economia Criativa do Vale do Arinos é um evento de extensão universitária do campus da Unemat de Juara/MT com a colaboração direta e indireta de outras instituições públicas e instituições da sociedade civil organizada (associações, institutos, centros de cultura, etc) que buscam alternativas sustentáveis para o desenvolvimento sócio-econômico-cultural a partir da Economia Criativa. Nessa realidade, nasce das manifestações culturais, etnoculturais e expressões artísticas regionais. A proposta da Feira busca potencializar: (i) o desenvolvimento econômico (de produção e consumo) sustentável propondo formas alternativas de distribuição de renda e fortalecimento da economia regional ancorando-se na perspectiva da responsabilidade social do Estado (quando se concorre em editais para captar recursos – Fapemat, Faesp etc) e das empresas (quando se busca incentivo fiscal federal via lei Rouannet) e; (ii) a continuidade da produção cultural criativa quando proporcionamos a todos os atores envolvidos, e os atingidos indiretamente, a inclusão sócio-econômica-cultural no contexto regional e o (re)conhecimento das diversidades culturais, etnoculturais e artísticas regionais como geração de riqueza – patrimônio intelectual – e fonte de renda. Intenciona-se promover espaços e ações que mobilizem setores da economia criativa do Vale do Arinos para que a criação, produção, difusão e consumo cultural, etnocultural e artístico sustentáveis possam ser integrados de fato – a médio e a longo prazo – à economia regional. O Objetivo deste artigo é compreender a importância da Extensão Universitária, por meio da Feira Cultural de Economia Criativa do Vale do Arinos para a Educação Patrimonial. Desta feita realizou-se uma pesquisa qualitativa, utilizando como instrumentos de coletas de dados os registros e documentos sobre a realização da Feira, as reportagens e notícias divulgados na mídia, observação da organização e execução do evento e, entrevistas semi-estruturadas com organizadores, produtores culturais, participantes de forma geral e comerciantes. Por meio da triangulação dos dados percebemos que a realização da Feira cultural incentivou a exposição de trabalhos culturais em suas mais diversas expressividade, potencializou a criação e comercialização destes produtos e divulgou para a população do Vale do Arinos a cultura visível,, reconhecida, valorizada e a cultura invisível, tradicional e desvalorizada pela população. Desta feita, compreendemos que mais projetos de extensão devem ser realizados para que a Educação patrimonial seja agregada nessa formação, que podemos considerar informal, porém intencional.

Palavras-chave: CULTURA – ECONOMIA CRIATIVA – SUSTENTABILIDADE

INTRODUÇÃO

A Feira Cultural de Economia Criativa do Vale do Arinos é um evento científico-cultural que iniciou-se como proposta de extensão universitária do campus da Unemat de Juara/MT com a colaboração direta e indireta de diversas instituições públicas e instituições da sociedade civil organizada (associações, institutos, centros de cultura, etc) que lutam por alternativas sustentáveis para o desenvolvimento sócio-econômico-cultural regional a partir da Economia Criativa que, nessa realidade, nasce das manifestações culturais, etnoculturais e expressões artísticas.

A proposta na realização do evento é potencializar o desenvolvimento econômico (de produção e consumo) sustentável propondo formas alternativas de distribuição de renda e fortalecimento da economia regional ancorando-se na perspectiva da responsabilidade social do Estado (quando se concorre em editais para captar recursos – Fapemat, Faesp etc) e das empresas (quando se busca incentivo fiscal federal via lei Rouannet e/ou outras formas constituídas) e a continuidade da produção cultural criativa quando proporcionamos a todos os atores envolvidos, e os atingidos indiretamente, a inclusão sócio-econômica-cultural no contexto regional e o (re)conhecimento das diversidades culturais, etnoculturais e artísticas regionais como geração de riqueza – patrimônio intelectual – e fonte de renda.

A Feira intenciona ainda promover espaços e ações que mobilizem setores da economia criativa do Vale do Arinos para que a criação, produção, difusão e consumo cultural, etnocultural e artístico sustentáveis possam ser integrados de fato – a médio e a longo prazo – à economia regional.

A cada edição do evento, percebe-se um aumento quantitativo e qualitativo na participação da população, dos produtores culturais e das apresentações institucionais e exposições que são características fundamentais para a consolidação de uma cultura local. Neste contexto, este evento vem se configurando como um evento tanto cultural quanto científico, o que desafia os organizadores a diferenciar a dinâmica a fim de potencializar o acesso aos bens culturais (inclusive científico – pois a ciência é um bem cultural) da população considerada marginalizada, recreação e lazer inerentes à condição humana.

A Economia Criativa, segundo a UNCTAD (2005) “é um dos setores mais dinâmicos do comércio internacional, gera crescimento, empregos, divisas, inclusão social e desenvolvimento humano”. É o ciclo que engloba a criação, produção e distribuição de produtos e serviços que usam o conhecimento, a criatividade e o ativo intelectual como

principais recursos produtivos. O que de certa forma, está articulada com a proposta da Feira Cultural de Economia Criativa do Vale do Arinos, que pretende potencializar em um mesmo espaço a divulgação das expressões artísticas, a comercialização das produções culturais e, ao mesmo tempo, ser um espaço de lazer e entretenimento à população que se encontra em situação de marginalidade social e cultural. Desta maneira, nos perguntamos como a realização da Feira Cultural de Economia Criativa do Vale do Arinos pode contribuir para a sustentabilidade cultural?

Este trabalho objetiva é compreender a importância da Extensão Universitária, por meio da Feira Cultural de Economia Criativa do Vale do Arinos para a Educação Patrimonial, analisar se a Feira Cultural de Economia Criativa do Vale do Arinos pode contribuir para a sustentabilidade cultural, buscando descrever a participação dos produtores culturais, a criação, produção e comercialização de conteúdos que são intangíveis e culturais da cidade de Juara/MT e região, de maneira a entender quais os setores de economia criativa que estão representadas no evento.

Utilizamos da pesquisa etnográfica, uma vez que a característica predominante da pesquisa é o contato direto dos pesquisadores com a situação pesquisada. “Os etnógrafos se ocupam basicamente das vidas cotidianas rotineiras das pessoas que eles estudam” (ANGROSINO, 2009, p. 31).

“A etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano - suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (ANGROSINO, 2009, p. 30). Deste modo o estudo etnográfico permite a reconstrução dos processos e das relações que configuram a experiência pessoal como resultado da experiência vivenciada, o que define uma pesquisa na área cultural.

Além da participação direta na organização de todas as etapas da organização e execução da feira, o que por si só já permite uma análise sobre a participação dos produtores culturais e, principalmente das manifestações culturais e artísticas, realizamos entrevistas com produtores culturais, participantes do evento, comerciantes, comunidades indígenas e organizadores do evento. Foram aplicadas 5 entrevistas aos produtores culturais, que mais tempo estiveram presentes no evento, cinco (05) participantes do evento, que são leigos na questão da economia criativa e sustentabilidade cultural, a 2 comerciantes, 1 representante da cada etnia indígena e ao coordenador geral do evento

Após a elaboração do relatório da participação e transcrição das entrevistas, realizamos a análise a partir dos pressupostos da análise de conteúdo proposto por Bardin (1979), que propõe a análise tendo como ponto central o tema, geralmente apresentado de uma palavra, frase ou resumo.

A transcrição das respostas obtidas foram categorizadas por meio de análise representacional e por fim da análise conclusiva relacionada ao tema (MYNAIO, 2006). Num

terceiro momento elas foram categorizadas em três tópicos: Concepção de Feira Cultural, Economia Criativa e Sustentabilidade Cultural.

A FEIRA CULTURAL DE ECONOMIA CRIATIVA NO CONTEXTO DO VALE DO ARINOS: DEMANDAS E PERSPECTIVAS

Tradicionalmente a palavra “feira” ficou conhecida como fenômeno econômico – social, com caráter mercantil, em espaços abertos como praças e ruas. Com a industrialização e inovação tecnológica, foi se adaptando aos moldes da sociedade urbana, agregando aspectos de festa popular. Em um mesmo espaço ocorre a comercialização de produtos, entretenimento, praça de alimentação, ponto turístico e de encontros sociais e afetivos. É um lugar que a família compra e ao mesmo tempo se diverte, aproveita o contato com áreas abertas e, em muitos casos, o contato com a natureza.

Guimarães (2010), diz que as feiras podem ser percebidas como reconfiguração e reafirmação da identidade do povo, já que destaca costumes e cultura popular, permite a socialização das vivências, resgata valores e dá a sensação de integração social. Neste sentido, se aproxima muito das finalidades de uma festa popular, que é um meio de aproximar diversidade cultural, é um local de celebração e desenvolve o sentimento de participação e força coletiva. “O simbolismo e componentes míticos reforçam o ambiente livre, criativo, interativo e até surreal” (GUIMARÃES, 2010). Desta feita, podemos dizer que na feira ocorre um sentimento de pertencimento a uma comunidade, a sensação de que o cidadão anônimo pode ser um protagonista do evento.

Ainda nesta perspectiva é interessante considerar que em uma feira estão presentes todos os aspectos da cultura popular - oralidade, espacialidade, artesanato e festa.

Nesses espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, das jocosidades, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos. (MORAIS e ARAÚJO, 2006, p. 267).

Ao se pretender uma “Feira Cultural de Economia Criativa”, aspectos tradicionalmente descritos para as feiras livres e festas populares são sistematizados e agregados de tal forma que no mesmo ambiente e ao mesmo tempo, as expressões artísticas culturais são permeadas pela exposição e divulgação do patrimônio cultural imaterial e pela comercialização da produção cultural, o que insere os princípios norteadores da economia

criativa neste contexto: inovação, diversidade cultural, sustentabilidade e a inclusão social. Desta feita, a cultura não “deve mais ser compreendida somente como um bem a ser valorizado, mas como um ativo fundamental para uma nova compreensão do desenvolvimento” (BRASÍLIA, 2011, p. 32). De um lado, a cultura deve ser percebida como recurso social, que produz solidariedade entre indivíduos, comunidades, povos e países; de outro, como um ativo econômico, capaz de construir alternativas e soluções para novos empreendimentos, para um novo trabalho, e finalmente, para novas formas de produção de riqueza.

A Economia Criativa propõe, dentre diversos desafios o de potencializar infraestrutura de criação, produção, distribuição/circulação e consumo/fruição de bens e serviços criativos. A Feira Cultural de Economia Criativa do Vale do Arinos, na sua 3ª edição, potencializou esse desafio agregando em um mesmo espaço-tempo os produtores culturais com ideias inovadoras e inéditas, o empreendedorismo de pequenos comerciantes e o lazer cultural, que de certa forma propicia à população de baixa renda a oportunidade de participar da cultura. A realização da Feira Cultural de Economia Criativa atrai a participação dos vulneráveis economicamente e excluídos culturalmente, visto que compreende um espaço de acesso gratuito e que acontece em praça pública, caracterizando um ambiente de acesso democrático por sua própria natureza. Os produtores de arte promovem os espetáculos no palco central divulgando seus respectivos trabalhos nas diversas áreas das artes (música, dança, teatro, poesia, etc) incluindo-se aí as manifestações culturais e artísticas (imateriais) indígenas, ribeirinhas e de matriz africana.

As etnias indígenas Kayabi, Munduruku e Apiaká habitantes do Vale do Arinos são parte do evento desde sua organização onde, além de mostrarem e comercializarem seus produtos de economia criativa (artesanatos, plumária etc), apresentam suas diversidades etnoculturais imateriais no palco principal (artes performáticas com temática indígena histórico-cultural).

O evento propiciou a participação direta de produtores criativos da cultura material e imaterial (considerando-se as manifestações etnoculturais e a diversidade das expressões artísticas imateriais) que expuseram e divulgaram seus produtos para apreciação pública e comercialização. Considerando que são produtores cujo talento e empreendedorismo individuais não são considerados como geração de renda e empregabilidade, o referido evento oportunizou que o potencial criativo fosse divulgado para a população, agregando valor tanto econômico quanto cultural aos seus produtos.

Todas as atividades propostas foram gratuitas, sem limite de vagas para participantes, com certificação de 40 horas, pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unemat – fazendo com que o público discente acadêmico tivessem oportunidade de acesso aos bens culturais

e certificação acadêmica. O evento teve programação para seis dias e a participação do público direto e indiretamente aproximou-se à 10 mil pessoas.

Vivenciar as manifestações culturais, etnoculturais e expressões artísticas é parte importante para a sensibilização das pessoas aos produtos criados artesanalmente e comercializados na região, bem como para a percepção dos talentos criativos que fazem parte do cotidiano de um espaço geográfico considerado de fronteira por estar localizado em uma região pecuarista, conhecidamente em trânsito e mobilidade constante.

A ECONOMIA CRIATIVA NO CONTEXTO DO VALE DO ARINOS: POTENCIALIDADES A PARTIR DA FEIRA CULTURAL DE ECONOMIA CRIATIVA DO VALE DO ARINOS

A Feira Cultural de Economia Criativa do Vale do Arinos se insere no contexto da Economia Criativa, considerada pela UNCTAD (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento), PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) um eixo estratégico de desenvolvimento para os diversos países e continentes em desenvolvimento no novo século.

Em que pese à complexidade de conceituar “Economia Criativa”, entende-se que esta sugere dimensões de empreendedorismo, criatividade, produção e comercialização de bens considerados propriedades intelectuais, que podem ser materiais e imateriais.

As indústrias criativas são definidas pela Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD) como os ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam a criatividade e o capital intelectual como principais insumos. Elas compreendem um conjunto de atividades baseadas no conhecimento que produzem bens tangíveis e intangíveis, intelectuais e artísticos, com conteúdo criativo e valor econômico. (REC, 2010, p. 16)

Por outro lado, a Economia Criativa potencializa a redução de grandes deslocamentos para o acesso aos bens considerados culturais e estimula a economia local. Neste sentido fomentar a Economia Criativa possibilita o desenvolvimento da população, “tanto na dimensão pessoal, delimitada pela qualidade de vida, quanto em sua dimensão profissional, através da sua inserção em atividades dinâmicas e com potencial de crescimento [...]” (KASSAB, 2011, p. 09).

Um projeto ou ação que se proponha a implantar ou implementar a Economia Criativa em uma região de territorialidade de fronteiras, em que a diversidade etnocultural é a referência para potencializar os produtos e a produção dos setores considerados artísticos/culturais, carece em primeiro plano de identificar a heterogeneidade de sua

população bem como as fragilidades de trafegabilidade que marcam a resiliência de qualquer manifestação ou expressão artística.

Pode-se dizer que Economia Criativa é o ciclo que engloba a criação, produção e distribuição de produtos e serviços que usam a criatividade, o ativo intelectual e o conhecimento como principais recursos produtivos. São atividades econômicas que partem da combinação de criatividade com técnicas e/ou tecnologias, agregando valor ao ativo intelectual. Ela associa o talento a objetivos econômicos. É, ao mesmo tempo, ativo cultural e produto ou serviço comercializável e incorpora elementos tangíveis e intangíveis dotados de valor simbólico. (CAIADO, 2011, p. 15).

Economia criativa é um conceito recém formado, inserido entre imperativos econômicos e o patrimônio de uma nação; capta as mudanças ocorridas a partir da revolução digital e dirige seu foco para outro modo de capitalização da criatividade e do conhecimento. Considerando que nada escapa ao estatuto de mercadoria, torna-se cada vez mais necessário qualificar e mensurar aqueles bens intangíveis. O conceito pode também ser interligado ao de desenvolvimento sustentável. Ambos têm como base e alvo patrimônios preciosos – a cultura e o meio ambiente – recursos de importância estratégica para o desenvolvimento, sobretudo para os países emergentes que os possuem em ricas reservas e em larga escala. Diversidade cultural, inclusão social, sustentabilidade e inovação, os princípios norteadores dos planos de ação dos diferentes setores abarcados pela economia criativa, são valores que se agregam aos bens e serviços, garantindo-lhes maior competitividade.

A economia criativa, que resulta da soma da produção e do comércio de bens e serviços que possuem o conhecimento e a criatividade, ou seja, o conteúdo simbólico e intangível como elemento diferenciador, foi o conceito utilizado para a realização da Feira Cultural de Economia Criativa do Vale do Arinos.

Em Mato Grosso as propostas e incentivos para a Economia Criativa são recentes e ainda carentes de pesquisa e mapeamento das possibilidades do setor, o que torna este evento um piloto no mapeamento das potencialidades criativas. Outro fator relevante da proposta é a educação para as competências criativas e habilidades operacionais e técnicas para os produtos de economia criativa, a sensibilização, percepção e reflexão para os bens culturais simbólicos materiais e imateriais produzidos e consumidos na região e a propriedade intelectual.

A região do Vale do Arinos possui três etnias indígenas, Kayabi, Apiaká e Munduruku, comunidades ribeirinhas e grupos culturais de matriz africana, inseridas no contexto sócio-econômico-cultural, o que indica a vocação da região em tornar-se uma "região criativa", ampliando horizontes e permitindo vislumbrar a região como "região turística". Isso fica implícita na fala de um dos participantes: "A gente tem muitas pessoas trabalhando com a

cultura, artesanato, pintura em tela, escultura e até móveis, mas a maioria das pessoas ainda não conhece”. A economia criativa possibilita a sustentabilidade, a inclusão social e o reconhecimento da diversidade cultural, etnocultural e artística como fator de desenvolvimento econômico colaborativo e dinâmico.

A Feira Cultural de Economia Criativa na sua proposição buscou mapear os diferentes produtores culturais, no sentido de potencializar a participação destes no evento. Para isso, visitamos os produtores indicados, conversamos com cada um, conhecemos sua arte, ouvimos relatos dos desafios para o produtor cultural na região e, incentivamos a participação na Feira.

De forma geral, a maioria dos convidados, não sentia necessidade de participar deste tipo de evento, só depois de participar da Feira Cultural de Economia Criativa é que perceberam a potencialidade deste evento como oportunidade de divulgação do seu trabalho e possibilidade de comercialização, para o produtor cultural, o reconhecimento do seu produto também se dá pela comercialização dos mesmos. Em se tratando da região do Vale do Arinos e especificamente de Juara/MT, esses produtos têm pouca procura porque são considerados de alto custo. Assim sendo, cada produtor procura difundir sua arte de forma individualizada, procurando seu público e comercializando de forma direta.

Essa reação dos produtores culturais é divergente da proposta de Economia Criativa que se baseia em um primeiro momento ao conceito de globalização e tecnologia midiática, ou seja, na atualidade a criatividade e a diversidade de produção é potencializado pela capacidade que a tecnologia possui de divulgar e publicizar. A matéria-prima da economia criativa está no conceito de criatividade construído ao longo das décadas. Segundo a Unesco (2010), a criatividade fundada em várias dimensões do fenômeno e baseada na concepção individual de ideais gerados, pode ser modificada quando nasce da articulação entre as diferentes criatividade: científica, tecnológica, cultural e econômica. De acordo com John Howkins *apud* Colpo (2015), a criatividade não é monopólio dos artistas, mas está presente nos cientistas, empresários, economistas, entre outros, pois eles têm a capacidade de criar algo novo, original, pessoal, significativo e real. A matéria-prima da economia criativa está no conceito de criatividade construído ao longo das décadas.

Esses fundamentos ficaram explícitos nas considerações dos entrevistados sobre a importância da participação em um mesmo espaço e tempo produtores culturais de áreas tão diversificadas e diversas. “É interessante conversar com o expositor do lado e saber como ele iniciou sua produção, ou quais materiais utiliza, quanto cobra por sua obra”. Neste excerto da entrevista, pressupomos que apesar do produtor afirmar não ser necessário expor seu material para a comercialização, o que conta é a capacidade do ser humano de criar algo do quase nada, a partir de sua interioridade e de sua interrelação com o desenvolvimento econômico e social. Para Miguez (2007, p. 96), "a economia criativa trata dos bens e serviços

baseados em textos, símbolos e imagens e refere-se ao conjunto distinto de atividades assentadas na criatividade, no talento ou na habilidade individual, cujos produtos incorporam propriedade intelectual e abarcam do artesanato tradicional às complexas cadeias produtivas das indústrias culturais". Uma produção que valoriza a singularidade, o simbólico e aquilo que é intangível: a criatividade. Esses são os três pilares da economia criativa.

Ao perguntarmos sobre a comercialização no espaço da Feira Cultural de Economia Criativa, alguns produtores afirmaram que venderam grande parte dos produtos em exposição, outros disseram que não venderam muito, mas que criaram um público potencial porque muitas pessoas se interessaram pelos seus trabalhos e pediram informações da manufatura, de como surgia a ideia para produzir algo ou ainda como entrar em contato no futuro.

Percebemos assim, que a agregação de valor na propriedade intelectual, depende muito mais da história que subsidia a produção, por isso "A definição de indústria criativa está nos círculos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que utilizam criatividade e capital intelectual como matérias-primas" (DALLA COSTA e SOUZA SANTOS, 2011, p. 03), baseados em atividades de conhecimento abrangendo artes em geral, potenciais geradores de vendas do comércio e direitos de propriedade intelectual; em produtos tangíveis e intelectualmente intangíveis ou serviços artísticos com criatividade, valor econômico e objetivos de mercado constituindo uma nova dinâmica do setor.

Ao conhecer o processo de produção, a história do produtor cultural, dos materiais utilizados, o público em geral e o possível comprador, percebe que aquele produto específico não é apenas mais um a ser comercializado, é algo que identifica a região, as pessoas que ali vivem, ao mesmo tempo que permite o imaginário e traduz as memórias. Este sentimento de afetividade e de proximidade, aliados ao potencial criativo e da propriedade intelectual valoriza a criatividade e, conseqüentemente agrega valor potencial ao bem cultural.

Dentre as manifestações em destaque na Feira Cultural de Economia Criativa, podemos citar o Patrimônio Cultural, Artes (visuais e performáticas) e mídia (impresa e audiovisual). O Patrimônio Cultural foi representado por meio das apresentações tradicionais indígenas de duas etnias da Região (Munduruku e Kayabi), praça de alimentação, exposição de artefatos líticos que fazem parte do acervo particular de uma empresa de arqueologia de Cuiabá, com vários artefatos e banners explicativos dos materiais que foram encontrados na região do Vale do Arino. Também foi realizado o I Festival da Canção do Vale do Arinos – FESCAVALE, com a participação de 31 cantores e premiação dos 3 melhores colocados independente da categoria musical. As músicas mais interpretadas pelos cantores evidenciam uma tendência para a música sertaneja, que caracteriza uma região predominantemente de pecuarista, o que contribui para o não reconhecimento da cultura indígena e a conseqüente invisibilidade dessa cultura no Município.

“O Patrimônio Cultural representa a identidade cultural influenciada por aspectos históricos, antropológicos e étnicos, estética e visões sociais que influenciam o patrimônio cultural, bem como os bens e serviços produzidos” (DALLA COSTA e SOUZA SANTOS, 2011, p. 04), porém, no contexto da Feira cultural como disse um dos indígenas entrevistado “as pessoas querem adquirir os produtos indígenas, mas não querem o índio”. A valorização dos produtos indígenas, de sua história, a sensibilização para as perdas de cada etnia não diminui o distanciamento entre a cultura indígena e a não indígena. Para Gusmão (2010) mais do que aceitar e respeitar a diferença é necessário desenvolver o conceito da alteridade, só assim é possível compreender e valorizar a produção de uma cultura que é totalmente diferenciada da vivenciada pela cultura de massa.

Subdividida em artes visuais (pintura, fotografia, escultura) e artes performáticas (música ao vivo e dança), o setor de Artes foi representada pelo concurso de fotografia, exposição de telas, arte em madeira, apresentação do grupo cultural Muyjuyu da etnia Munduruku e apresentação cultural do povo Kayabi, além da participação de alunos das escolas públicas com apresentações de danças e músicas. A participação da comunidade, nas apresentações, salientou a carência da região na gestão cultural, em que eventos como a Feira Cultural do Vale do Arinos pode fomentar a expressão artística, bem como evidenciar o patrimônio cultural.

Ao entrevistarmos os artistas sobre suas apresentações no evento, a maioria concorda que este tipo de evento precisa ser disonibilizado mais vezes, que as expressões artísticas têm se destacado à nível da educação formal, mas que pode ampliar sua capacidade de participação da população aos bens culturais. Esses bens caracterizam-se pelas práticas e domínios da vida social apropriados por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade. São transmitidos de geração a geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, sua interação com a natureza e sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade. Contribuem, dessa forma, para promoção do respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. A constituição federal em seu art. 216 explicita que:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988).

Neste contexto, a Feira Cultural de Economia Criativa concebe a cultura como um conceito amplo que incorpora o conjunto da produção social, ideológica, artística, tecnocientífica, política, religiosa e econômica dos sujeitos inseridos nos seus espaços

identitários. Constitui, assim, um eixo geral pelo qual as abordagens dos conhecimentos e dos saberes propõem um grande mosaico de fenômenos culturais, no qual, as peças se articulam em processo, por meio das exposições, manifestações artísticas e atividades coletivas.

A Feira Cultural de Economia Criativa ao mesmo tempo que preenche uma lacuna no que diz respeito ao empoderamento pela população dos bens culturais imateriais da região do Vale do Arinos, incentiva a implementação de políticas públicas de fomento aos diversos setores da Economia Criativa, potencializando o turismo, a geração de renda e a inclusão social por meio da arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender a importância da Extensão Universitária, por meio da Feira Cultural de Economia Criativa do Vale do Arinos para a Educação Patrimonial, este trabalho permitiu a reflexão sobre a potencialidade cultural e de economia criativa na Região do Vale do Arinos.

A Feira Cultural de Economia Criativa é um dos eventos que potencializa a sustentabilidade cultural, uma vez que a participação da comunidade e dos produtores culturais foi o termômetro para perceber a carência do acesso à cultura para a população, ao mesmo tempo que agrega valor aos bens de propriedade intelectual. Desta feita, urge a necessidade de elaboração de políticas públicas que potencialize as expressões artísticas e culturais.

Apesar de uma certa resistência inicial para a participação na Feira Cultural de Economia Criativa do Vale do Arinos, os produtores culturais, após exporem suas artes e produtos, perceberam a importância de apresentação para a comunidade, de maneira a publicizar seus trabalhos e de agregar valores tanto financeiro quanto afetivo.

A Feira Cultural do Vale do Arinos, é um protótipo para a criação, produção, distribuição/circulação e consumo/fruição de bens e serviços criativos, que são os pilares da Economia Criativa, que pode ser replicada em vários espaços e tempos diferentes. Ao mesmo tempo, também evidenciou a potencialidade de setores criativos, o que pode contribuir para a implantação e implementação de ações e atividades que visem a Economia Criativa.

A reflexão inicial que podemos elaborar é que a realização da Feira Cultural do Vale do Arinos, pode evidenciar necessidades de política pública em diversos aspectos na produção cultural, podendo ser um instrumento para análises posteriores mais profundas, quando aplicada em outros espaços e tempos. Essa análise também pode ser um fundamento para uma plataforma de sugestões de políticas públicas, que podem trazer para a Região do Vale do Arinos para um caminho de desenvolvimento baseado em sua criatividade e seus recursos culturais, diminuindo suas desigualdades e promovendo melhorias nos padrões de vida.

REFERÊNCIAS:

ANGROSINO, M.; FLICK, U. (Coord.). Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 1979.

BRASÍLIA. Economia criativa para o desenvolvimento. Ministério da Cultura. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações. Ministério da Cultura, 2011.

CAIADO, A. S. C. (Coord.). Economia Criativa na cidade de São Paulo: Diagnóstico e Potencialidade. São Paulo: FUNDAP, 2011. 160 p.

COLPO, C. D.A comunicação organizacional cultural e afetiva: uma reflexão das relações de trabalho criativa no contexto da economia criativa. cadernos de comunicação v.19, n.1, JAN-JUN 2015

DALLA COSTA, A.; SANTOS, E. R. S. Economia criativa: novas oportunidades baseadas no capital intelectual. Economia & Tecnologia - Ano 07, Vol. 25 - Abril/Junho de 2011.

GUIMARÃES. C. A. A feira livre na celebração da cultura popular. 2010. Disponível em <http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/140-481-1-PB.pdf>. Acesso em: 21/05/2017.

GUSMÃO, N. M. M. **Antropologia, diversidade e educação: um campo de possibilidades.** Ponto e vírgula, 10. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/viewFile/13898/10222>>. Acesso em: 22/08/2017.

KASSAB, Gilberto – Apresentação. CAIADO, Aurilio (coordenador). Economia Criativa na Cidade de São Paulo: Diagnóstico e Potencialidade. FUNDAP, 2011. Disponível em: <http://novo.fundap.sp.gov.br/arquivos/PDF/Livro_Economia_Criativa_NOVO.pdf>. Acesso em 30/09/2016.

MIGUEZ, P. Repertório de fontes sobre Economia Criativa. Parte integrante do projeto de pesquisa “Economia criativa – em busca de paradigmas: (re) construções a partir da teoria e da prática”. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. CULT (Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura), Salvador, 2006-2007.

MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

MORAIS, I. R. D.; ARAÚJO, M. A. A. Territorialidades e Sociabilidades na Feira Livre da Cidade de Caicó (RN) - Instituto de Geografia da UFRN, 2006

UNCTAD/Conferência das Nações Unidas para Comércio e desenvolvimento. Relatório de economia criativa 2010. Nações Unidas, 2010

